

## Lições do dia da Vitória

**Vinicius Mariano de Carvalho** 

King's College London, Departamento de  
Estudos de Guerra.  
London, United Kingdom.  
vinicius.carvalho@kcl.ac.uk

COLEÇÃO MEIRA MATTOS

ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



Creative Commons  
Attribution Licence

Neste ano de 2025, celebra-se os 80 anos da vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Um esforço gigantesco e global que derrotou o Nazifascismo que assolava a Europa já por mais de dez anos e do qual o Brasil fez parte.

A celebração deste ano tem, contudo, um tom diverso e preocupante. A instabilidade global e a fragmentação de alianças estratégicas que mantiveram uma certa ordem mundial desde o fim da Segunda Guerra fazem com que estes 80 anos soem mais como prelúdio de um novo conflito do que como um conagração de aliados celebrando a paz e a vitória.

Em termos historiográficos, considera-se que a Segunda Guerra iniciou em 1939 com a invasão da Polónia pela Alemanha nazista. Seus tambores, no entanto, já soavam em inícios dos anos 1930 em muitos países europeus. Do início da guerra, em 1939, até a declaração formal de guerra ao Eixo, por parte do Brasil, em 1942, o país agia no contexto internacional com muitas relutâncias e sinais dúbios em termos diplomáticos e militares. Foi apenas após diversos navios mercantes terem sofrido ataques de submarinos alemães e italianos e ceifado a vida de muitos brasileiros, além de ter causado muitos danos econômicos, que o Brasil decide, então, quebrar sua neutralidade e juntar-se aos Aliados no grande esforço bélico. É só então que o país inicia seus esforços para participar do conflito e defender sua soberania, seu território e sua população, e colaborar com o grande esforço de parceiros e aliados para a derrota daqueles regimes que levaram o mundo à experiência da guerra total.

A decisão de enviar tropas para a guerra esbarrou em dificuldades imensas de recrutamento, treinamento e equipamentos. O Exército Brasileiro estava claramente defasado em termos de doutrinas, pessoal e material. A última grande atualização pela qual a Força terrestre havia passado datava ainda da Missão Militar Francesa que colocou o Exército nos moldes dos exércitos vitoriosos da Primeira Grande Guerra. Muitos dos esforços de reequipar a Força nos anos anteriores à declaração de guerra se deu com negociações com a indústria bélica alemã. Uniformes, armas individuais e coletivas não estavam definitivamente no estado da arte de então. Com esforços hercúleos de recrutamento, baseado tanto em voluntários quanto em conscrição, das três divisões previstas, foi possível compor uma, de em torno de 25 mil. Treinar esse grupo foi outro grande desafio. Apenas em agosto de 1944 o país conseguiu enviar uma Divisão – a Força Expedicionária Brasileira (FEB) – para o teatro de operações da Itália; Divisão esta que apenas ao chegar na Itália teve contato com o armamento que utilizaria, basicamente adestrando-se já em combate.

No entretanto, a Marinha do Brasil teve de se reequipar e modernizar urgentemente para garantir a defesa oceânica e da costa do país, adquirindo meios que lhe permitissem uma

efetiva guerra antissubmarino – a maior ameaça no Atlântico Sul então – e de patrulhas oceânicas. Novamente, a urgência de atualizar-se em termos de material e doutrina requereu esforços humanos magníficos. A mesma urgência teve a neonata Força Aérea Brasileira, em equipar-se, desenvolver doutrina e desdobrar-se no território nacional e no teatro italiano com a 1ª Esquadrilha de Aviação de Caça, uma capacidade que a FAB ainda não dispunha.

Em uma perspectiva civil, o país também enfrentou dilemas grandes. Com grandes populações de italianos, alemães e seus descendentes, lidar com estes então tornados “inimigos” não foi uma experiência das mais fáceis. Reverter esforços de economia e produção para a labuta da guerra modificou mercados e processos de produção.

Tampouco era unânime a decisão de declarar a guerra ao Eixo no campo político e diplomático.

Em outras palavras, o país não estava preparado para a guerra. As razões para este despreparo são muitas, e um texto como este não me permite desenvolvê-las em profundidade, mas muito desse despreparo foi devido à relutância em entender, nos anos que o antecederam, que o conflito em desenvolvimento atingiria o Brasil e o obrigaria a ter um posicionamento internacional e uma capacidade militar eficiente para sua própria defesa.

O país não estava preparado tampouco para o pós-guerra. No concerto das nações ao fim do conflito pode-se dizer que o país agiu timidamente, se comparado com outros países aliados vitoriosos. E mesmo no trato de seus veteranos que retornaram, muito mais poderia ter sido feito por estes bravos brasileiros.

Contemporaneamente, celebramos a bravura dos brasileiros que lutaram naquela guerra, na terra, no mar e no ar, e a memória daqueles que deram sua vida pelo país. Devemos, no entanto, perguntar o que o Brasil aprendeu com essa experiência, tanto militar quanto diplomaticamente?

A possibilidade de que os conflitos já em curso neste ano de 2025 configurem-se em uma guerra única e global não é de todo irrealista. Mesmo em alianças como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que de certa forma garantiu uma relativa coerência em termos de estabilidade por muitos anos, respiram-se hoje ares de dúvida e incerteza. A União Europeia faz investimentos massivos em defesa; muitos países já retomam com conscrição e começam a preparar sua população para a possibilidade de uma guerra.

Em entrevista recente para o hebdomadário alemão, *Die Zeit*, a presidente da União Europeia, Ursula von der Leyen, afirmou: “O Ocidente como nós o conhecemos, não mais existe. O mundo se tornou um globo, também geopoliticamente [...]”.

A consequência disso é que não será possível para países com as dimensões como as do Brasil (físicas, econômicas, políticas e militares) permanecerem alheios ao que ocorre neste contexto global de incerteza e beligerância.

Ainda que tudo isso pareça muito distante geograficamente do Brasil, não o é, como a história bem nos ensina ao olharmos hoje para a segunda guerra mundial. Neste contexto, será irresponsável não se preparar; será ingênuo crer que se pode “ser amigo” de todos. E se o país quiser oferecer alguma alternativa ou demonstrar algum protagonismo, deve exercê-lo com coerência de palavras e ações, solidamente calcado em valores democráticos e princípios éticos, no respeito à soberania das nações e aos direitos humanos. Valores que levaram à vitória em 1945 e que nos permitem, hoje, celebrar com honra essa memória histórica.